

CURRÍCULOS : IMPORTÂNCIA DO PROJETO PEDAGÓGICO NAS ESCOLAS

Profª Ms Denise Bruno Lombardi Fonseca

FONSECA, Denise B. Lombardi. Psicopedagoga, Especialista em Docência Superior,
Mestra em políticas públicas para adolescentes.

denibru2205@yahoo.com.br

RESUMO

A educação passa, e tem passado por variedades de complementos, que sugerem inovações a ponto de as concepções educativas serem hoje grandes mutações pedagógicas. A escola tenta buscar em seu duto saber, o princípio que caracterize a maestria de ideias escolares assentadas, em bancos acadêmicos. Por mais que se tente escrever livros que forneçam dados subsidiários e explicativos, para educadores, sem o amor pela causa, sem a propriedade da vida, sem a humildade para aprender, com quem se deseja trabalhar, tudo será em vão. A disponibilidade para aprender não é apenas, do educando, mas de todos aqueles que estão envolvidos no processo educativo. Se a vida na escola em sua essência for apenas lidar, com aprendizagens acadêmicas, não haveremos de construir boas lideranças que assumam as potencialidades coletivas. Apesar de algumas correntes filosóficas e pedagógicas já apontarem isso, os currículos universitários não compreendem a natureza humanista, para formação dos profissionais responsáveis pela educação. Hoje crianças de dois anos são submetidas a aprendizagens “conteudistas”, que trabalham na perspectiva dos interesses individuais. Aprender amar, conhecer e produzir é ato que se provoca desde o início da vida. Dessa forma o presente artigo instiga à reflexão para construção de novos projetos pedagógicos em diferentes espaços de construção de saberes.

ABSTRACT

The education goes through, and has been going through a diversity of complements that propose innovations to a point that the educational conceptions are today a great pedagogic mutation. The school tries to search in your wise knowledge, the principle that characterizes the mastery of scholar ideas that are set in academics databases. However people tries to write books that provides subsidaries and explicative data, for educators, without love for the cause, without property of life, without humble to learn, with whoever you want to learn from, everthing will be in vain. The availability to learn isn't just of the educator, but of all the people involved in the education system. If the life at school in your essence be just read, by academic knowledge, we'll not be able to build good leaderships that can take over collectives potentialities. Although some of the philosophical and pedagogic chais already point that, the curriculum of students doesn't understand the humanist nature, for the graduation of the professionals in charge for education. Today, two years old kids are exposed to a more

theoretical approach of learning, that work with the perspective of self interests. Lear how to love, to know and produce is na act that happens since the beginning of the life. This way the presente article instigate the reflection for the construction of new pedagogic projects in all kind of place that build knowledge.

PALAVRA CHAVE

Currículos Escolares, Concepção Dialética, Práticas Avaliativas.

KEYWORD

School Curricula, Design Dialectic Practices evaluative.

1- História da Pedagogia

Desde os tempos gregos, quando encontramos a origem da palavra pedagogia, tal termo nos remete à compreensão de que, o mais importante não é administrar e conferir sabedoria, aos que julgamos não ter, mas a função do educador é conduzir, e, sempre para grandes oportunidades de conhecimentos¹.

A herança da Pedagogia no movimento ocidental fecundou ideias concernentes à propositura na compreensão, importância, e, em valorizar todas as experiências no conjunto de aprendizagens. A exemplo de Comênio um dos iniciadores da Didática, a ideia de trabalhar o contexto educacional só poderia ser concebida, desde que se entendesse a responsabilidade pela aprendizagem em todos os momentos de vida, com todas as pessoas que estão envolvidas vitalmente nessa trajetória.

Uma das frases polêmicas de Comênio², em que pese nossa reflexão, sem pré julgamentos, mas sob análise das teorias e correntes filosóficas que podem contribuir, para formação do escopo pedagógico, segue:

“Age idiotamente aquele que pretende ensinar aos alunos não quanto eles podem aprender, mas quanto ele próprio deseja”.

Muitas vezes não hesitamos em dar mostras de nosso repúdio a determinados preceitos, mas antes é necessário o desarme e a contextualização, sobre as origens da informação, para que, no distanciamento seja possível compreender dentro da leitura raciocinada o que muito disto, ou daquilo nos envolve.

Quando o educador refletir que, ele próprio depende muitas vezes dessa estrutura e argumentação trazida por Comênio, também ponderará o que a vida docente lhe apresenta,

¹ Os termos gregos utilizados eram: paidós (criança) e agogos (condutor)

² Acreditava que pela educação o homem se prepararia para a vida eterna. Afirmava que pela imitação da natureza seria possível criar um método eficiente para ensinar “tudo a todos”.<http://educarparacrescer.abril.com.br/pensadores-da-educacao/comenio.shtml> (em 20/10/2014)

enquanto melhor momento de aprendizagem. O tempo do interesse. E quando esse tempo acontece? Se não houve identidade, ou significado, ele não aconteceu, ou fatalmente continuará não acontecendo. Diante desse questionamento, por que as escolas têm tantas dificuldades para completar seu planejamento curricular? Talvez, seja por que estão, ou se colocam, sob a égide de quem programa aquilo que é “necessário”, ou “próprio”, para a clientela em questão? Se todos sabem, quão somos diferentes, e partindo desse contexto, por que muitas escolas insistem em tempos iguais, para aprendizagem? A resposta possivelmente surja no contexto doutrinário, diante dessa justificativa a escola parta de um parâmetro essencialmente teórico. Não creio estar totalmente errado, mas equivoca-se, quem partir, apenas dessa base conceitual.

Tomando como exemplo as parábolas de Jesus pensemos sem nenhum proselitismo. Como ensinar uma multidão com experiências, crenças, e desenvolvimento diferentes?

Possibilitando preparar a ideia, para receber o contexto é uma das questões. Antes que se imagine a forma da árvore frondosa, é necessário que se planeje o essencial: O que plantar e o tempo de plantar. As ferramentas mais assertivas irão sendo utilizadas na medida em que a plantação for ganhando forma.

Assim como a discussão está sendo tratada até o momento é contributiva a reflexão de Dora Incontri³, em que expressa à ideia de que, o excesso de relativismo, a desconfiança absoluta de qualquer verdade e o esvaziamento ético não combina com um projeto educacional. O fato é que justamente esses extremos a que chegou o pensamento contemporâneo foi uma reação ao pensamento dogmático, reducionista e compartimentado dos últimos séculos.

O interessante é que dentro das diferentes correntes pedagógicas, tanto Comênio, quanto Rousseau e Pestalozzi, embora imersos em seus diferentes contextos, eram críticos das perspectivas que então se solidificavam. No caso de Comênio, contra a especialização e compartimentalização, com a sua proposta de pansofia (ou a sabedoria do todo) explorava a dimensão. No caso de Rousseau, contra o excesso de racionalismo, com sua valorização do sentimento e contra o materialismo emergente, explorava a ideia de uma religião natural, não institucional, não dogmática, mas que leva em conta a dimensão espiritual do homem, o que hoje percebemos em muitos estabelecimentos escolares ser de somenos importância à discussão dessa temática. No caso de Pestalozzi, contra o inchaço da filosofia idealista, com a valorização da observação empírica e ao mesmo tempo contra a visão reducionista do homem, com a sua prática de educação integrada, talvez não imaginasse como poderia influenciar os paradigmas de educação, que se sucederam.

Tais teorias e pensamentos nos reportam a um caminho: De que maneira podemos reconhecer e conceber os melhores passos para uma educação de qualidade e acessível a todos.

³ A Crise do Saber e os Clássicos da Educação. Dora Incontri (Pós-doutoranda FEUSP, Apoio Fapesp) <http://www.hottopos.com/rih6/dora2.htm> acesso em 20/10/2014

A escolha para o alinhamento conceitual, estratégico e operacional requer de nós muito estudo e cautela, em relação aos objetos de estudo, enquanto alguns axiomas referendam princípios educativos e formativos, nos quais se pretende desenvolver o trabalho de planejamento escolar.

2- Correntes Pedagógicas e os diferentes olhares.

Para dar início a este item seria instigante refletir, e esquentar o “tamborins” de nosso cérebro, diante de alguns conceitos prontos e acabados. O que nos motiva, nos move e aproxima às correntes pedagógicas, que auxiliam a tecer o trabalho desenvolvido no cotidiano pedagógico, é o fato de, melhorar a capacidade do pensar, ou o modismo, que impulsiona a grande batalha lucrativa dos estabelecimentos de ensino?

Existem várias respostas, nas quais se podem fazer acompanhar as ideologias, as vivências, mas, ainda há estudos parcos, quando a equipe escolar se debruça, e mergulha na pesquisa, para construção de currículos apropriados e condizentes com a proposta pedagógica escolar, que se deseja escrever. Uma das questões que não se nota no discurso é a busca em conhecer a história da Pedagogia, e, quando abordado o assunto sobre coerência e coesão, do pensar - refletir, na construção de novas ideias, em muitos estabelecimentos educativos o resultado é oriundo, apenas da prática, e raras às vezes há práxis. Nisto percebe-se a fragilidade do estudo.

Tudo isto relatado, e como reflexão, para pessoa “educador” deveria resultar na perceptível falta de humildade, em rever o conhecimento adquirido. O sentido dessa colocação, não é minorar a importância das experiências, mas é trabalhar com a argumentação e, a produção do conhecimento no sentido filosófico, ampliando assim possibilidades, para as diferentes pessoas com as quais o trabalho será realizado. A vida na escola, não pode estar longe da vida em sociedade, não há dicotomia entre elas, e caso a preocupação maior seja pelo aprendizado do conteúdo, o pensamento não se reverterá em conhecimento, e consequentemente a aplicação disso não será em benefício da dúvida positiva, da pesquisa, e de um novo conhecimento.

A escola precisa entender que tudo aquilo que se aprende não é apenas, e, tão somente para si. O que faria o maior pensador se estivesse só no mundo? É assim que está inexoravelmente o tratamento educacional nos dias atuais. Uma disputa entre escolas privadas, e as escolas públicas lutando diante dos percalços sociais em busca de políticas públicas que possam dar sustentáculo ao ensino comunitário.

Qual então seria o sentido de grandes pensadores publicarem suas teorias, se quem está sendo formado em escolas, não consegue correlacionar utilidade x prática? Para quem esses pensadores e filósofos fariam?

Os currículos se preocupam sobremaneira com os conteúdos que serão ensinados, mas não como pensar esses conteúdos. A criticidade, não é apenas uma forma política

ideológica, mas reflete no amadurecimento daquilo que se aprende, até mesmo para filtrar, selecionar o que deve tomar pra si ou não? Nesse sentido quem aprendeu de forma egocêntrica tomará para si, aquilo que julga individual, e caso se torne uma futura liderança será no sentido de domínio, e não libertação será no sentido de autoritarismo, e não autoridade será no sentido da ilegalidade, e não da ética.

O que nos torna responsáveis pelo processo educativo é, nossa participação no mundo, e dela depende nossas boas escolhas. Então lançando a primeira reflexão: Quem está habilitado a fazer escolhas? Com base em que, essas escolhas são feitas?

Componentes curriculares, como filosofia, não deveriam ser mediados apenas no ensino médio (mediocre), mas fomento, desde as séries/anos iniciais, para contato com a natureza política da educação, ou seja, o princípio escolar. De acordo com reportagem de Amanda Ciegliniski (2011)⁴, o país ainda traz em seu arcabouço o atraso político ideológico, em relação à construção do pensamento crítico, sobrepesando o estímulo à inovação, e criatividade, e, inacreditavelmente, a democracia pegou de surpresa os parâmetros escolares, que apresenta dicotomia, entre os pressupostos de aprendizagem. Assim, em resposta a nossa primeira reflexão o currículo educacional, que não estiver voltado para formação de suas crianças e jovens deverá se pré - ocupar com urgência, e voltar-se para questões mais delicadas, como, por exemplo, adoção de reflexões filosóficas desde mais tenra idade. E nesse sentido paradoxalmente, talvez entendamos alguns porquês, quando ao comparar certos currículos, que anestesiam o cérebro, de forma cômoda, reverberam em menor interferência na ação política.

A reflexão sobre currículos é uma discussão que não se esgota, e para dar prosseguimento à argumentação é interessante aliar alguns conceitos de Marx, que muito a pedagogia, tem trabalhado para ampliar, e melhorar as reflexões políticas às ideias de emancipação. Numa de suas frases mais famosas, escrita em 1845, o pensador alemão Karl Marx (1818-1883) dizia que, os filósofos haviam interpretado o mundo de várias maneiras. “Cabe agora transformá-lo”, concluía. Naquela época já pressupunha, que mesmo diante a algumas batalhas a educação seria o fio contínuo da luta, pela melhoria não só de classes, bem como da humanidade. Com certeza é necessário, que mentes mais inovadora, e, libertárias cresçam em meio ao povo, e não se corrompam com conceitos ilusórios e imediatistas, sendo possível o trabalho em prol de liberdades individuais.

3- Matriz entrecruzada de ideias sobre educação. Metodologias em prática.

⁴ Desde 2012, depois de 47 anos fora dos currículos das escolas de educação básica no país escolas da rede pública receberam pela primeira vez, desde a ditadura, livros didáticos da disciplina para orientar o trabalho dos professores. Em 2008, uma lei trouxe de volta a filosofia e a sociologia como disciplinas obrigatórias para os estudantes do ensino médio.

Maria Lucia Arruda Aranha avaliou que, o país “demorou demais” para incluir as duas disciplinas novamente entre as obrigatórias. A autora ainda cita nessa reportagem que estudar os pensadores tais como Platão, Kant e Descartes entre outros (grifo meu), servem de base para ensinar aos jovens conceitos básicos como: ética, lógica e política. Mas Maria Lúcia ressalta que é muito importante conectar o conteúdo com a realidade do aluno para que ele “aprenda a filosofar” (Amanda Ciegliniski Repórter da Agência Brasil <http://memoria.abc.com.br/agenciabrasil/noti>)

Quantas pessoas ao realizar a matrícula de seus filhos se preocupam com a proposta pedagógica das respectivas escolas? Nada poderia ser melhor do que as respostas.... (...)Não entendo disso, não tenho como avaliar(...). Que lástima! Pois ao ouvir isso é líquido pensar que, as pessoas não aprenderam tão somente pedagogia, no caso, mas se descuidaram da tarefa de pesquisa, do aprender a aprender. O que a escola ensina não é um terço do que precisamos, mas com ela devemos aprender, o quanto não nos bastamos, dessa forma conciliar a aprendizagem com a necessidade, é sem dúvida aprender a construir o conhecimento. Se não há escopo suficiente para saber como avaliar uma proposta pedagógica, em que pese à formação pedagógica pessoal, é dever aprender do que se trata o tema, e, então buscar a consultoria necessária. Dentro desse processo do aprender a conhecer, e a ser, novas possibilidades surgirão, dando caminho a novos pensamentos. Em prática; se não aprendo a pensar, permito “àqueles que entendem” agirem conforme julgam melhor, descontextualizando todo arcabouço histórico da própria vida, não importando com que, valores, princípios, cultura, identidade serão empregados como referencial. Nesse sentido esses mesmos “aqueles” nossos substitutos na tarefa do pensar, são também àqueles que ora não foram capazes de mudar o rumo do pensamento, e, não conseguirão invariavelmente intervir no mundo de forma, a ampliar o curso da história, quando por vezes, o contexto se repetirá de forma cíclica, sem a razão e o fundamento filosófico existencialista tão contributivo.

O pensamento sábio está no sentido de aprender a gostar de melhorar, e, portanto, deveria ser uma prática, mas esse caminho, essa metodologia nem sempre estão explícitos nas propostas escolares, nas famílias. Aprender a gostar de melhorar cansa, pois depende muito mais de um exercício individual, que uma ação coletiva. A partir do momento que o ser se torna alfabético começa a fazer escolhas, sobre aquilo que será melhor, é, portanto, escolha individual, com base nas experiências, vivências e possibilidades. Você leitor avalie pausadamente suas últimas escolhas, e se pergunte por que foram realizadas, com que objetivo, finalidade, quanto de você existe nessas escolhas. A partir do momento em que há parâmetro, comparação há escolhas, sem que entendamos essa possibilidade é aceitação, resignação. Se há entorpecimento com um tipo de leitura apenas, o cérebro se viciará a um tipo só também de compreensão, ao contrário, quando se dispõe à prática de vários exercícios cerebrais a consequência será motivação à saúde intelectual. É mais ou menos quando, se come o mesmo tipo de alimento a vida inteira, sem conhecer novos sabores, e uma vez feito o experimento tem como consequência o desarranjo, quando então, o retomo ao velho hábito se dá rapidamente. Já dizia o ditado “mens sana in corpore sano”. E nesse paradigma o estímulo está justamente ao apelo pelos bons frutos que, o pensamento possa vir a resultar.

Muitos educadores, com diferentes nomes em diferentes épocas, desde os períodos mais remotos trazem a baila a construção educativa do mundo, em que pese hoje ser a inefável discussão desse mesmo fazer pedagógico. Compartilhar ideias e ideais pedagógicos é, sobretudo, movimentar o pensamento, acerca de experiências e práticas positivas, pois a educação não pode admitir postura letárgica.

Pensar o conhecimento é relacioná-lo com a pesquisa, ensino e extensão. Os conteúdos dentro de uma matriz geram o objetivo, a finalidade do pensamento, e consequentemente o desejo daquilo que se deseja aprender. Ao construir um planejamento,

ou propor ideias que organizem a direção de como pensar, sobre as tarefas o endereço deve estar claro, além da ética com o diagnóstico proposto.

Num rascunho mais emergente existem alguns tópicos que poderão auxiliar o professor que é pesquisador. São eles: Objetivos, Metas, Desenvolvimento (Conceitual e Operacional) Metodologia e Avaliação.

Os objetivos devem ser de natureza dinâmica prevendo a excelência de recursos, com vistas a captar o melhor das competências e habilidades, de que se trata o sujeito dentro do coletivo, e o coletivo que admite o sujeito. Alcançar, almejar a excelência, tanto nos aspectos endógenos, quanto aos exógenos.

As metas são a projeção daquilo que se espera de forma a coadunar a didática ao princípio estatístico, quando o referencial deverá estar explícito na mensuração, calculando assim as oportunidades e desafios, sem menosprezar a qualidade dos escores.

O desenvolvimento é a forma de detalhamento da ação, quando apresentado o caminho, por intermédio do conceito, e, a concepção da temática abordada é o modus operandi, com o qual toda a comunidade escolar deverá estar integrada. Muitas vezes a escola opta por um determinado conceito, mas a concepção é dicotômica, e também a forma trazida pela abordagem vem como discurso num grande vazio, sobre aquilo que se pretende construir. Um grande exemplo é o uso das palavras grade e matriz, para se explicar a mesma situação. Se o subsidio legal, traz como vertente a abordagem mais dialética pela LDB 9394/1996 (matriz), porque ainda continuar trabalhando, e falando na perspectiva de grade curricular, quando essa concepção é diferente, e está imbricada em outro conceito mais ditatorial, em que pese à filosofia positivista na LDB de 5692/1971? Eis a grande dificuldade, para mudar a concepção, e o paradigma, com aquilo que se está habituado. A dificuldade só existe para quem se acostuma com as ações, e não para quem as vive e apreende. Então os elementos conceituais que serão escolhidos, dentro da proposta pedagógica devem representar à comunidade educativa caso contrário à tendência a criar e operacionalizar o projeto será constituído diante a uma grande falácia. Segundo LIBÂNEO (1992, p. 221) O Planejamento Escolar, e seu desenvolvimento deve ser uma ação global da escola, envolvendo o processo de reflexão, de decisões sobre tal organização. O funcionamento e a proposta pedagógica da instituição, ou seja, tudo aquilo que, se pretende vislumbrar numa projeção de ideias deve ser: "Um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social".

Metodologia De acordo com Mirian Goldenberg curiosidade, criatividade, disciplina e especialmente paixão são algumas exigências, para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade. Assim ao escolher e estudar um método, que seja mais coerente e atraente, significa pesquisar o que alinha, coaduna entre a teoria, prática, e as ferramentas que serão utilizadas durante a pesquisa, de forma a ambicionar contextos mais criativos, e não réplicas reformadas. Durante, esse caminho em estudo precisará um olhar perscrutador, para que, a redação do plano educativo não conceba apenas regras organizacionais, mas o fomento da estruturação que dará vida às ações escolares. É durante o processo de escolha metodológica, que o parto educacional

acontece, e as ferramentas que constituirão a vida do desenvolvimento e objetivos começarão a respirar.

Avaliação Para compreensão de uma avaliação positiva e construtiva é bem vinda à ideia de Cipriano Luckesi, quando diferencia a avaliação de “examinação”, e então, dirimir a prática avaliativa, com foco na formação e aprendizagem identificando as potencialidades, e não aquilo que fica como pendente ou negativo tão somente. (Re) construir ideias, é desenvolver, sob a ótica de novos parâmetros, com caminhos diferentes a forma de chegar ao mesmo lugar, e nesse sentido cada qual tem seu atalho. É, sobretudo, possibilitar ao educando a capacidade de dimensionar sua produção, no sentido de amadurecer suas ideias e compreender o sentido das perdas, e das necessidades, bem como de atualizar sua memória em prol de seus objetivos.

4- Organização do Pensamento

Um dos compostos que mais contribuem para a organização do pensamento é a serenidade, quando conquistada traz para seu conjunto habilidoso, o equilíbrio, a tolerância e a compreensão de si mesmo, assim como desmistifica os limites existentes. Ao longo do tempo o conceito de pensamento, que se entremeia com a filosofia vem sofrendo algumas alterações, deixando de ter seu foco diretamente relacionado ao conhecimento material, bem como procurando “verdades”, mesmo tendo a própria filosofia admitido que, tudo o que podemos saber é o quanto de fato não sabemos. Talvez essa tendência tenha feito, com que o pensar, e o conhecer ficassem distantes de sua função real, pois antes de descobrir verdades, ou mentiras é preciso aprender a pensar.

Sendo a preocupação do ponto de vista filosófico, e não de somenos importância o mesmo, na construção do Projeto Pedagógico, as escolas tem a importante tarefa em refletir, sobre as características do conhecimento que darão identidade ao desenvolvimento da proposta de aprendizagem. O que será aprendido é algo a ser considerado, mas como será a aprendizagem, eis o maior desafio a ser pensado, ao tecer o processo pedagógico sobre linhas filosóficas.

Recorrendo aos apontamentos de Heidegger é condição *“sine qua non”*, que refletimos sobre a real função da compreensão, e a relação existente entre sujeito – objeto. De forma antológica o filósofo em questão traz numa proposta arrazoadada para compreensão de que o homem em tese consegue significar o mundo. Nesse paradigma então, o que falta na trajetória de vida do sujeito, para que exerça a postura significativa no mundo? Essa variante muitas vezes torna perplexa parte da comunidade, ao identificar tanta falta de (re) conhecimento para esse mundo, e que ao mesmo tempo, talvez se deva a forma gnosiológica de estar-no-mundo por certo. Em Ricoeur, com Heidegger surge outra hipótese: ao invés de nos perguntarmos sobre tal e qual coisa, poderíamos perguntar qual o modo, de ser desse ser que existe, quando significa e resulta a compreensão?

Husserl achava que os filósofos estavam complicando a teoria do conhecimento, em lugar de considerarem com objetividade o fenômeno da consciência como é experimentado pelo homem. O que importava, para ele, era o que se passava na experiência de consciência, através de uma descrição precisa do fenômeno.

Muito tem se discutido, sobre os enigmas pedagógicos que ainda pairam, sobre qual a melhor proposta para se adotar numa escola. Talvez alguns estudiosos tivessem uma grande lista de objetos a considerar, e não inviabilizando o estudo das diferentes competências creio que a melhor proposta é aquela que sempre está sendo avaliada e monitorada em seus objetivos primeiros, sem ser tendenciosa, ou adotar modismos inexplicáveis. A proposta mais assertiva é aquela que respeita o limite da comunidade, mas oferece possibilidades de alcançar novos voos. O projeto Pedagógico é um feito político, e toda ação política deve envolver necessariamente àqueles que compõem esse universo. Depois de estabelecida a democracia, aprender a trabalhar o poder decisório, ou seja, na lógica do pertencimento – envolvimento, a próxima questão é pensar desenvolvimento.

Considerando que a importância do Projeto Pedagógico nas escolas se faz com muitos elementos em diferentes áreas do conhecimento, no processo da antítese para síntese, há que considerar grandes argumentações na construção desse pensamento, que sabe aonde quer chegar, e, nesse sentido não é possível apenas observar o que não está dando certo nas escolas. Com o resultado de nossa infância mecanizada, nossa juventude materialmente globalizada, e os adultos com discursos vazios de dinâmica, que justificam os tempos ser outro, são sem dúvida, indicativo de mudança. Desse jeito caberia então, perguntar: Qual é o tempo do tempo, em que seja o melhor tempo, para se ensinar e aprender? Porque o antagonismo se faz tão presente, para pais que, se esquecem de suas “juventudes” e “adolescências”? Pensar não é prerrogativa de filósofo. Pensar é dever de quem quer viver.

Considerações Finais

Em se tratando de aproximarmos ao final das reflexões que foram propostas sobre projeto pedagógico é importante que levemos em consideração, que essa é uma consideração que não se encerra, e nem tampouco é suficiente, para apresentar todos os tópicos necessários na construção dessa envergadura.

A discussão filosófica é o ponto que o texto deixa forte, para os leitores que pretendem trabalhar a tessitura dos projetos pedagógicos futuros. A filosofia em sua dinâmica desinstala paradigmas convencionais e provoca o sentimento de mudança, e ou (re)avaliação, frente as novas demandas trazidas pela comunidade, e aqui cabe ressaltar a extensão sobre a palavra concepção, que diante muitas vezes da notoriedade de textos bem escritos a concepção muitas vezes se torna dual, ou ainda reflete a postura mais recalcitrante, ou quiçá apresentam ferramentas utilizadas na metodologia, que não coadunam com a práxis pedagógica. Então cabe endereçar mais um pouco de reflexão acerca da temática. Em se tratando de um significado único e prático, o próprio dicionário encarregar-se-á de trabalhar o termo concepção⁵, contudo quando delimitamos o tema, recorrendo a sua especificidade

⁵ De acordo com o dicionário é: Ação de gerar; ação através qual um ser é concebido ou gerado Resultado de algum processo de criação. Capacidade, ato ou efeito de compreender, de perceber alguma coisa. Trabalho da inteligência: concepção de uma teoria. Maneira pessoal de entender algo; expressão de uma opinião. Conhecimento ou ideia: uma concepção original da vida. Religião. A fecundação, sem o pecado original, da Virgem Maria: concepção divina. Ação ou efeito de conceber.

podemos gerir novos pensamentos do conceber. De acordo com verbete criado por Demerval Saviani A expressão “concepções pedagógicas” é correlata de “ideias pedagógicas”. A palavra pedagogia e, mais particularmente, o adjetivo pedagógico têm marcadamente ressonância metodológica denotando o modo de operar, de realizar o ato educativo. Assim, as ideias pedagógicas são as ideias educacionais entendidas, porém, não em si mesmas, mas na forma como se encarnam no movimento real da educação orientando e, mais do que isso, constituindo a própria substância da prática educativa. E ainda considerando o que Monique Deheinzelin⁶ propõe sobre concepção, quando menciona ser a natureza do conhecimento humano a forma inventiva e construtiva faz considera ainda, que as informações não são pré-fixadas, mas funcionam como pilares que geram transformações, e, a partir dessas transformações construímos o conhecimento. A construção se dá a partir de observações do ambiente e das pessoas que estão ao seu redor.

O que é preciso entender que cada proposta surge de uma teoria- concepção, e o porquê dessa escolha passam antes, pelo processo gestacional filosófico, em que pese seu parto com todas as necessidades correspondentes.

Processos de educação de acordo com Maria da Glória Gohn (2010), não se restringem somente às ações caracterizadas como pedagógicas, mas também estão presentes na forma de organização e ação política. É necessário, alicerçar a pesquisa, no campo da educação, a partir dos fundamentos da filosofia da práxis, da autonomia dos sujeitos, das relações dialógicas, especialmente a partir e com Paulo Freire, entendendo que os movimentos sociais são sujeitos de práxis pedagógicas.

Referências Bibliográficas

- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2009.
- BENINCÁ, E. **As origens do planejamento participativo no Brasil**. Revista Educação - AEC, n. 26, jul./set. 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GANDIN, D. A **prática do planejamento participativo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **Planejamento como prática educativa**. 7.ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Unesp,.1991.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988, § 4, p.

⁶ Monique Deheinzelin Educadora e escritora doutora em Psicologia e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP)

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Editora alternativa, 2001.

_____. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez Editora (8ª. Edição), 2005.

LÜCK, H. **Planejamento em orientação educacional**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

PADILHA, P. R. **Planejamento Dialógico: Como construir o projeto político pedagógico da escola**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. Trad. Marco Aurélio Fernandes. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RICOEUR, Paul. **Nas Fronteiras da Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. Dermeval Saviani. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dermeval_Saviani. Acessado em: 28 de abril de 2015.

<http://www.estudopratico.com.br/filosofia-moderna-escolas-filosofos-e-problemas-filosoficos/>

Universitária, 2000; <http://www.cobra.pages.nom.br/fcp-husserl.html>